

Ars maior, Donato: critérios de análise linguística

Fábio da Silva Fortes^a

Marcela Zambolim de Moura^b

Resumo

Este artigo pretende analisar o tratamento gramatical dado às partes da oração (partes orationis), na Ars maior de Donato (séc. IV d.C.). É nossa meta avaliar quais critérios são considerados na definição, especificação e ilustração das classes de palavras nessa obra. Defendemos que Donato utiliza não somente o critério “semântico”, como também se vale dos critérios “morfológico” – para distinguir e caracterizar os accidentia –, “sintático” – para indicar o estatuto funcional das classes em relação aos accidentia e às outras classes –, e “fonológico” – para descrever os exemplos e seus padrões de pronúncia.

Palavras-chave: *critérios linguísticos, partes da oração, gramática antiga.*

Recebido em 30 de janeiro de 2015

Aceito em 09 de novembro de 2015

^a Professor Adjunto de Latim e Grego Clássico da UFJF, fabiosfortes@yahoo.com.br.

^b Professora de Língua Portuguesa do IFMG/Campus Rio Pomba e doutoranda em Linguística da UFJF, marcela.moura@ifsudestemg.edu.br

Introdução

Ora, os latinos transmitiram-nos essa gramática, e não uma linguística, e é possível que essa herança tenha ainda alguma influência sobre a ciência moderna.

(DESBORDES,1995, p.13)

Com as palavras em epígrafe, François Desbordes sublinha um fato relativamente óbvio: por maiores semelhanças entre os conceitos presentes nos textos gramaticais produzidos na Antiguidade e as reflexões atuais produzidas no campo da linguagem, o que os antigos nos legaram consistia em um saber em muitos aspectos diverso daquele hoje produzido pela Linguística. Sendo assim, os antigos gramáticos não ajuizaram (e nem poderiam fazê-lo) sobre temas tão longínquos quanto aqueles que passariam a definir, a partir do século XX, a “ciência das línguas”¹.

No entanto, diante de sua breve história e de seus antepassados longínquos – a Antiguidade greco-romana –, os historiadores da Linguística amiúde se esquecem da realidade histórica que caracteriza a natureza desse saber e, frequentemente, “partilham o mesmo preconceito de querer fazer a história da linguística como uma *ciência*, como uma forma de saber cuja organização e propriedades formais seriam estáveis” (AUROUX, 1992, p.12), engendrando, no mais das vezes, uma espécie de “espelhamento às avessas”, ao exigir dos textos antigos aquilo que os pósteros consideraram como a finalidade das ciências modernas (FORTES, 2011).

Sem sustentar tais posições, e mesmo para avaliar criticamente a “história da Linguística”², o nosso artigo tem como meta apresentar um estudo da *Ars maior*, de Donato, em seu contexto de produção, a fim de examinar os critérios com os quais o autor define, especifica, caracteriza e ilustra as “partes da oração” (*partes orationis*): *nome, pronome, verbo, advérbio, participio, conjunção, preposição e interjeição*.

Para tanto, nosso ponto de partida foi a análise realizada por Dezotti (2011), que considerou que o critério predominante na definição das partes da oração em Donato seria o que hoje chamamos na linguística moderna de *semântico*. Para sustentar nossa análise, servimo-nos das reflexões sobre a

¹ Preferimos aludir aqui a “ciências das línguas”, no plural, e não a “Linguística”, no singular, precisamente por não reconhecer uma homogeneidade e uniformidade atribuível às diferentes perspectivas de exame da linguagem, conforme mencionaremos adiante.

² O termo é francamente impreciso e anacrônico. A despeito disso, é como ele se consagra nas obras de Mounin (1970), Mattoso Câmara (1983), Weedwood (2002), entre outros. De forma preferível, outros autores se referem à “história das ideias sobre a linguagem”, tal como Desbordes (2007).

gramática antiga presentes em Holtz (1981), Baratin (1998, 1994), Desbordes (2007), Weedwood (2002), Law (1987) e Fortes (2012). Veremos que, de fato, Donato utiliza propriedades do significado de algumas partes da oração listadas acima para defini-las, entretanto, não exclusiva ou majoritariamente, visto que propriedades que hoje estariam no âmbito da morfossintaxe e da fonética são também frequentemente evocadas nas definições gramaticais.

No primeiro item, situamos a *Ars maior* em seu contexto de produção na sociedade romana tardo-antiga e discorreremos sobre suas finalidades sociais e pedagógicas. Para isso, apresentamos também um breve exame da estrutura de conteúdos presente na *Ars maior*. No segundo item, apresentamos e discutimos os instrumentos de definição dos critérios linguísticos com que Donato operou na formulação de suas *partes orationis*.

1. Donato e a *Ars maior*: aspectos contextuais

Donato (*Aelius Donatus*, c. 310-363 d. C.) foi um gramático da cidade de Roma do século IV, período conhecido como Antiguidade Tardia (BROWN, 1976; SWAIN & EDWARDS, 2003). Embora pouco se saiba sobre sua vida, os textos revelam que ele participou da vida pública de Roma como gramático oficial (DEZOTTI, 2011, p.13). por intermédio de São Jerônimo, de quem Donato foi mestre, costuma-se situar os melhores anos de sua atividade como gramático entre os anos de 354 e 363 d.C.³ Sua *Ars grammatica* foi escrita por volta de 350 d.C. (WEEDWOOD, 2002, p.39) e se desdobrava em dois volumes, a *Ars minor* – composição brevíssima, organizada em perguntas e respostas – e a *Ars maior*. Essas obras foram seguidas de dois comentários: a Virgílio (do qual se dispõe, atualmente, apenas de fragmentos) e a Terêncio (LAW, 1987)⁴.

Em geral, são bem abundantes os manuscritos da *Ars*, que estão presentes em cinco famílias de manuscritos, agrupados em dois ramos. Antes de 1500, são conhecidas, pelo menos, onze edições completas ou parciais das obras de Donato (BARATIN, 1998, p.41). As edições mais conhecidas e utilizadas ainda nos dias de hoje são as de Van Putschen (1605), Heinrich Keil (1855) e Louis Holtz (1981), embora esta última seja, de longe, a mais completa e de maior resolutividade dos problemas de crítica textual, sendo, portanto, aquela seguida por nós.

³ Referências a Donato, na obra de São Jerônimo, podem ser encontradas em *Chronicon* (363), *Apologia aduersus libros Rufini* (1.16), *Commentarius in Ecclesiasten* (1.9).

⁴ Embora sua transmissão tenha se realizado independentemente, as obras de Donato – as duas versões da *ars* e os dois comentários, a Virgílio e a Terêncio – participavam de um mesmo programa de “educação linguística”, fundamentado nos conceitos e métodos helenísticos (HOLTZ, 1981; CANTO, 1997). Com efeito, o trabalho filológico e o ensino gramatical eram as duas atribuições dos gramáticos. Conforme acentua Baratin (1994, p. 146): “Na origem, o ensino gramatical e a atividade filológica eram distintas. Os gramáticos eram, entretanto, por formação, os mais aptos a realizar o trabalho filológico. Essas suas atividades tinham sido, portanto, consideradas como as duas faces de uma mesma especialidade: a gramática”. Com esta primeira citação, aproveitamos para informar que todas as traduções de autores estrangeiros, salvas indicações bibliográficas, são de nossa autoria. Quanto às referências, informamos, ainda, que seguimos convenção dos Estudos Clássicos nas citações de Donato, informando o parágrafo e as linhas do texto latino constante da edição de Holtz (1981).

Ars Maior de Donato é o modelo de tratado mais completo do século IV (BARATIN, 1994). Sua originalidade está na forma em que é elaborada: “é caracterizada em parte por uma perspectiva ascendente, que conduz os elementos mínimos às classes de palavras, por outro, pela importância que atribui às ‘falhas’ e qualidades do enunciado” (BARATIN, 1994, p.143).

Entretanto, segundo Baratin (1994), sua obra não é o modelo único desse período. Dentre as obras conhecidas do século IV estão, além das *Ars* de Donato, as *Ars* de Carísio e Diomedes. A obra de Carísio é composta por cinco livros, que tratam, seguidamente, de (i) letras, sílabas e categorias gramaticais; (ii) categoria das palavras; (iii) observações sobre o verbo; (iv) falhas e qualidades do enunciado; (v) diversas formas idiomáticas; já a obra de Diomedes é dividida em três livros, os quais tratam (i) da categoria das palavras; (ii) das letras, sílabas, acentos, pontuação e ainda das qualidades e falhas da enunciação; (iii) um tipo de poética com uma apresentação da métrica altamente desenvolvida.

Tais obras compõem uma espécie de descrição, embora não apresentem uma estrutura interna precisa e única. De acordo com Baratin (1994, p.155), os gramáticos latinos apresentam “certo material para escrever, com contornos que flutuam”. Nesse sentido, procuram reconstituir uma organização interna, que só será delimitada, como conhecida na modernidade, no século VI com Prisciano, que dividiu sua obra em algo como fonética, morfologia e sintaxe, divisão que teve grande fortuna para a fundação da gramática moderna.

De acordo com Cameron (1993, p.151), em relação ao espaço geográfico, vida social e cultural no século IV, o Império Romano era geograficamente vasto e se caracterizava pela multiculturalidade. A sociedade romana passava por significativas transformações: o fluxo de estrangeiros - chamados “bárbaros” – estava cada vez mais evidente nessa sociedade, seja se instalando nas cercanias dos centros urbanos, seja servindo ao exército; o Cristianismo trouxe não só mudanças religiosas como também sociais; os extremos dos grupos sociais estavam cada vez mais distintos e mais distantes.

No que concerne à educação, os estudos mantinham, basicamente, a estrutura da educação helenística, que consagrou um modelo de formação ancorado no aprendizado da gramática e da retórica (HOLTZ, 1981; LAW, 1997). Tanto a retórica quanto a gramática visavam à aquisição de competências de linguagem segundo o modelo linguístico consagrado pelos autores canônicos – a *Latinitas*. Assim,

utilizavam como *corpus* de análise, predominantemente, os autores clássicos - Cícero, Virgílio, Horácio, Salústio. Holtz (1981) esclarece que, ao entrar no currículo escolar, a gramática repete fórmulas que se tornam comuns, cumprindo sua prática pedagógica. Isso significa que o ensino era voltado para a aprendizagem, exposição e imitação dos grandes escritores do passado e não para o questionamento ou experimentação da linguagem corrente no século IV (CAMERON, 1993; FORTES, 2012). Outra consequência disso é o caráter limitado das explicações, no mais das vezes telegráficas, visto que não prescindiam do seu tratamento oral realizado pelo professor.

No tocante às diferentes disciplinas antigas que tangenciavam o tema da linguagem (a retórica, a poética, a métrica etc.), a gramática antiga se diferenciava quanto ao objetivo: destinava-se à leitura de textos poéticos antigos – função já apresentada no tratado de Dionísio, o Trácio,⁵ e jamais inteiramente abandonada pelos autores latinos das *artes* – associava-se, então, a centralidade da análise das *partes orationis* (DEZOTTI, 2011, p.93), aproximando o seu discurso técnico de certa investigação lógica do enunciado (ou do verso) latino.

Com efeito, a concepção de gramática romana advinda da interseção entre o raciocínio da lógica estoica e o raciocínio da gramática grega (LAW, 1987). Dezotti (2011, p.93) explica que ao lado de uma prática gramatical ligada ao trabalho filológico com os textos (leitura, explicação, revisão), surge uma teoria gramatical que visa “a compreensão da oração, isto é, ensinar o que ela significa e como ela significa, ou por meio de que partes a oração se expressa” (DEZOTTI, 2011, p.93).

Donato produziu um tratado gramatical escrito em “língua vernácula que explicita os princípios gerais da gramática” (WEEDWOOD, 2002, p.61). Isto significa que o latim era o meio de expressão de sua *ars*. Em Roma, havia dois subgêneros de textos gramaticais: as gramáticas escolares (*Schulgrammatike*) e os tratados sobre as regras (*Regulae*)⁶. Bárbara Weedwood nos apresenta, sucintamente, as principais características da *Schulgrammatik*, exemplificando com a estrutura da obra de Donato, a *Ars maior*:

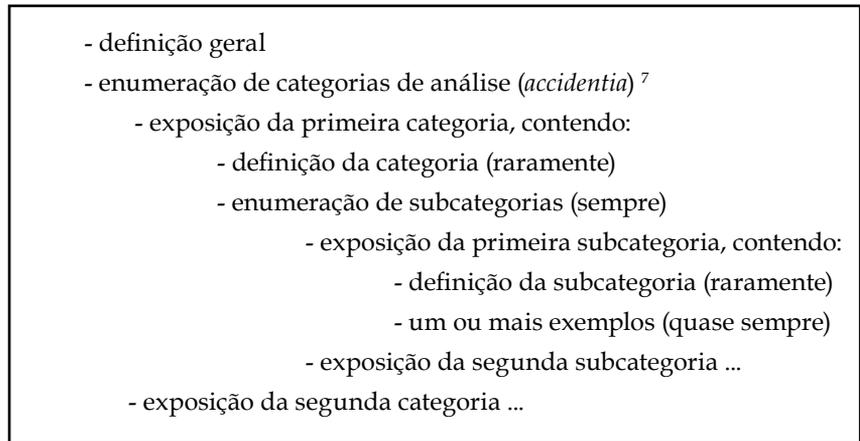
[...] A *Schulgrammatik* continha uma exposição sistemática das categorias gramaticais, exemplificadas por meio do latim. Estruturada como as modernas gramáticas de referência, isto é, consistindo de uma série de capítulos dedicados

⁵ A definição de gramática apresentada em sua obra é que “a gramática é a perícia no que, o mais das vezes, se diz nos poetas e também nos prosadores” (*Tech.*, 1.1 – Tradução de MARTINHO, 1997, p. 153): *γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν ποιητῶν τε καὶ συγγραφεῶν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ λεγομένων*. Da *Τέχνη γραμματική*, de Dionísio Trácio, é mais ou menos consensual o fato de que somente os cinco primeiros parágrafos são autênticos, sendo o restante da obra uma formulação posterior, do século IV (ROBINS, 1993).

⁶ De acordo com LAW (1986, p. 365): “Trabalhos do tipo *Schulgrammatik* são caracterizados pela sua estrutura sistemática: progredem pelas partes do discurso uma a uma, definindo-as cada uma e suas propriedades (*accidentia*). Em tamanho variam muito. (...) Por outro lado, as do tipo *regulae*, uma vez que foram originalmente produzidas para demonstrar os mecanismos da analogia, possuem inúmeros paradigmas (*regulae* ou *kanónes*) e a sua cobertura das partes do discurso é frequentemente menos sistemática (...)”.

exaustivamente a cada tópico (mas sem exercícios – um acréscimo do século XIX – nem trechos para leitura), uma obra típica, a *Ars maior* de Donato (c. 350 d.C.) era, dividida em três livros: livro I incluía capítulos sobre vox (“voz, som, substância fônica”); litterae (“som da fala, letra”), sílaba; pé métrico; acentos; e pontuação. O livro II tratava das partes do discurso: nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e interjeição. E o livro III apresentava barbarismos (erros na forma das palavras), solecismos (colocações erradas das palavras), outros erros e várias figuras de retórica (WEEDWOOD, 2002, p.39-40).

A obra de Donato é relevante não só pelo conteúdo que apresenta, mas também pela forma como o apresenta. O gramático elabora um manual em que os elementos descritos são elencados na correlação hiperonímia-hiponímia, em uma estrutura em forma de pirâmide (LENOBLE *et al.*, 2001 *apud* DEZOTTI, 2011; GUERREIRA, 1997, p. 786, HOLTZ, 1981, p.4). Nesse sentido, o manual traz uma definição geral, passando à enumeração das categorias de análise e à exposição dessas categorias. Holtz (1981, p.4), propõe o seguinte esquema que ilustra o método sistemático de descrição do autor e sua organização progressiva:



Quadro I. Organização estrutural da Arte de Donato (HOLTZ, 1981, p. 4)

⁷ *Accidentia* significa propriedades, características. Opõe-se a *substantia*, substância, que é o termo ou expressão linguística na sua materialidade sonora/gráfica, o “significante”.

Todos os capítulos da *Ars maior* obedecem a essa forma, constituindo uma exposição completa, rápida e esquemática, que conduz à funcionalidade didática da obra (HOLTZ, 1981). De acordo com Holtz (1981), o traço que distingue Donato dos demais escritores da época é seu rigor formal e a concisão

que confere à sua obra aplicabilidade nos contextos escolares: permite ao estudante memorizar a doutrina apresentada. Segundo o autor, Donato procura apresentar o que é essencial, separando o que é acessório: “das quatro etapas pressupostas na exposição de uma noção gramatical (termo, definição, subdivisão, exemplo), ele despreza, conforme o caso, aquela que poderia sobrecarregar inutilmente a memória dos alunos” (HOLTZ, 1981, p. 91).

Embora o método sistemático não seja exclusivo da Antiguidade tardia, *Ars* de Donato constitui-se como um “inventário” de informações gramaticais pré-estabelecidas, apresentando aspecto dogmático (HOLTZ, 1981, p.54). A estrutura piramidal apresenta uma regularidade ideal que parece ter se modelado ao objeto.

Quanto à disposição dos conteúdos, a *Ars maior* pode ser dividida em uma estrutura tripartite. A *Ars maior I* aborda as categorias do som e métrica latinos (*uox, litterae, syllaba, pedes, toni e positurae*). A *Ars maior II* aborda as *partes orationis*, embora não apresente qualquer paradigma. Em vez disso, a *Ars maior II* continha uma discussão mais detalhada sobre temas mais teóricos, como as classificações dadas às palavras e as irregularidades dos adjetivos comparativos, por exemplo. Finalmente, a *Ars maior III* apresenta um apanhado sobre o que chamaremos de “estilística”, *i.e.*, das figuras e “vícios” de linguagem.

2. Análise “linguística” na *Ars maior*

No item anterior, apresentamos, brevemente, o panorama cultural de produção e circulação da *Ars maior*, por reconhecermos que os saberes metalinguísticos resultam “de uma interação das tradições e do contexto” (AUROUX, 1992, p.14). Disso, decorre o fato de que saberes situados em diferentes épocas, como é o caso da gramática de Donato e das atuais reflexões linguísticas, não devam manter o compromisso intrínseco de selecionarem, como exemplos ou para análises, as mesmas línguas ou os mesmos fenômenos linguísticos, ou, ainda, apresentarem as mesmas abordagens, objetivos e conclusões.

No entanto, é preciso reconhecer que, ao lidarmos com tradições muito afastadas no tempo, não devemos ceder ao mito da incomparabilidade. De fato, como acentua Auroux

(1992, p.14), é preciso adotar uma neutralidade epistemológica e um historicismo moderado, que “não deve conduzir ao mito da incomparabilidade de paradigmas específicos. Os fenômenos são o que são e as estratégias cognitivas, por múltiplas e diferentes que sejam, não variam ao infinito”. Por esse motivo, julgamos possível – e oportuno, do ponto de vista da contemporaneidade, que é, afinal, o único possível para nós, sujeitos de hoje – tomarmos emprestadas as etiquetas atribuídas aos critérios de análise modernos, a fim de avaliarmos a constituição de conceitos teóricos presentes em um texto antigo.

Para tanto, apresentaremos as definições modernas que adotamos para tais critérios, a fim de, em seguida, fazermos uma análise do nosso *corpus*.

2.1 Critérios de análise linguística: definições básicas

Ao apresentarmos as definições dos critérios de análise linguística, nomeados conforme os saberes da modernidade – *morfologia, fonologia, sintaxe e semântica* – intentamos buscar os sentidos centrais de cada conceito, sem nos atermos a abordagens específicas – embora tenhamos consciência de que nenhuma definição resulta de qualquer neutralidade teórica (não se pode fugir da teoria, como não se foge da história). Para tanto, nosso aporte teórico começa com a definição oferecida por Dubois *et al.*(1973). O gramático apresenta *morfologia* cunhada pela gramática tradicional em (1) e pela linguística moderna em (2):

1. [...] é o estudo das formas das palavras (flexão e derivação), em oposição ao estudo das funções ou sintaxe.

2. [...] o termo morfologia tem duas acepções principais:

a) ou a morfologia é a descrição de regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas-raízes para constituir “palavras” (regras de formação das palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa e, conforme o caso (flexão das palavras), em oposição à sintaxe que descreve as regras de combinação entre os morfemas léxicos (morfemas, raízes e palavras) para constituir frases;

b) ou a morfologia é a descrição, ao mesmo tempo, das regras da estrutura interna das palavras e das regras de combinação dos sintagmas em frases. A morfologia se confunde, então, com a formação das palavras, a flexão e a sintaxe, e opõe-se ao léxico e à fonologia. Nesse caso, diz-se de preferência, morfossintaxe

(DUBOIS *et al.*, 1973, p. 421-422).

Para Spencer e Zwicky (1998), em *The Handbook of Morphology*, *morfologia* é o conceito central da linguística, não por ser a mais importante, mas porque é o estudo da estrutura das palavras que estão na interface entre fonologia, sintaxe e semântica. Nesse sentido, explicam:

As palavras têm propriedades fonológicas, elas se articulam entre si para formar frases e sentenças, sua forma é composta de pequenos pedaços significativos. Além disso, elas formam paradigmas e agrupamentos lexicais.

(SPENCER & ZWICKY, 1998, p. 1)

Em manuais do século XXI, encontramos em seus glossários definições mais concisas, mas nem por isso mais simples, como:

Morfologia: o ramo da linguística que lida com palavras e formação de palavras; o sistema mental envolvido com formação de palavras;

Morfofonologia: uma área de linguística que lida com o relacionamento e interações entre a morfologia (estrutura das palavras) e fonologia (o padrão de sons) (Ibid.);

Morfossintaxe: uma área de linguística que lida com o relacionamento e interações entre morfologia (estrutura das palavras) e sintaxe (estrutura das expressões maiores, tais como frases e sentenças).

(ARANOFF & FUDEMAN, 2010, p. 267)

Todos os autores mencionados comungam da definição básica de que *morfologia* diz respeito à estrutura da palavra, sua formação, composição, e, mais profundamente, diz respeito à palavra e sua relação com as demais palavras, tocando, nesse ponto, processos sintáticos, fonológicos e até semânticos.

Em relação à *fonologia*, Dubois *et al.* (1973, p. 284-285) descreve:

é a ciência que estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguístico. Ela estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente (a diferença fônica no início das palavras do português *bala* e *mala*, a diferença de posição do acento, no português, entre *sábia*, *sabia* e *sabiá*, etc.), e aqueles que permitem reconhecer uma mensagem igual através de realizações individuais diferentes (voz diferente, pronúncia diferente, etc.).

Segundo Cohn (2000), *fonologia* é constituída:

[pelo] conhecimento sobre a estrutura de som – que som ocorre, como é sua distribuição, como eles podem ser combinados e como eles podem ser realizados de forma diferente em diferentes posições em uma palavra ou frase [...]. (COHN, 2000, p. 181)

Podemos sintetizar que, no âmbito da *fonologia*, as definições supracitadas dizem respeito à preocupação com a estrutura do som e sua realização na língua para atingir propósitos específicos, como diferenciar palavras ou frases inteiras no processo comunicativo. Diferente dos processos morfológicos, que se ocupam, como vimos acima, da palavra tomada como unidade, com sua formação e composição, no âmbito da fonologia, a unidade é o elemento sonoro mínimo que constitui a palavra.

A *sintaxe* ganha sua definição em Dubois *et al.* (1973, p. 559), como “a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases [...]”. Baker (2000) apresenta uma definição básica de sintaxe e aprofunda-a em seguida:

no nível mais básico, a sintaxe pode ser definida como o ramo da linguística que estuda como as palavras de uma língua podem ser combinadas para formar unidades maiores, como frases, orações e sentenças.

Como tal, a sintaxe está profundamente preocupada com a relação entre o finito e o não finito. A maioria das línguas tem um número finito de palavras básicas, mas essas palavras podem ser colocadas juntas para formar um número não finito de sentenças. Assim, pode-se comprar um dicionário mais ou menos completo de Inglês, mas é impensável comprar um livro de referência similar que liste todas as sentenças do Inglês. Isso ocorre porque existem regras e padrões que podem ser usados de uma forma dinâmica para

criar e entender novas frases em inglês. Sintaxe é o estudo dessas regras e padrões.

(BAKER, 2000, p. 265)

Em relação à *sintaxe*, os gramáticos consideram-na como a ciência das regras de combinação das palavras, ou seja, como as palavras funcionam na língua umas em relação às outras. Essa definição de sintaxe, que considera as relações entre as palavras, no sentido de formar uma unidade maior, a oração, já era, ademais, conhecida na própria tradição gramatical antiga. Em Prisciano, por exemplo, o conceito de *constructio*, cunhado a partir de Apolônio Díscolo, do grego *σύνταξις* (*syntaxis*), é definido como a ordenação dos vocábulos no interior da sentença:

In supra dictis igitur de singulis uocibus dictionum, ut posebat earum ratio, tractauimus; nunc autem dicemus de ordinatione earum, quae solet fieri ad constructionem orationis perfectae, quam admodum necessariam ad auctorum expositionem omnium diligentissime debemus inquirere, quod, quemadmodum literae apte coeuntes faciunt syllabas et syllabae dictiones, sic et dictiones orationem.

Tratamos, portanto, no que ficou dito acima, dos vocábulos individuais das expressões, como pedia a sua lógica; agora, porém, falemos sobre a ordenação deles, resultando na construção da oração completa, do mesmo modo que as letras adequadamente reunidas fazem as sílabas e as sílabas, as palavras, assim também as palavras compõem a oração.

(Prisc. *Inst. gram.*, G.L. 2.108.5-9)

Finalmente, em Dubois *et al.*, encontramos uma definição extensa para *semântica*, já que o autor preocupa-se em distinguir os matizes da área na década de 70. Vamos nos ater ao conceito central apresentado, uma vez que atende ao objetivo deste estudo: “no quadro da teoria linguística geral, tal como é visualizada pela gramática gerativa transformacional, a semântica é um meio de representação do sentido dos enunciados” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 527-532). Bréal (1991, p. 137) conceitua *semântica* como “science of meanings”. Em Lappin (2000), encontramos uma introdução extensa à semântica formal que nos traz o contexto linguístico em que os estudos semânticos estão inseridos:

O significado de uma frase em uma língua é, em grande medida, dependente das formas em que as palavras e frases a partir das quais é construído podem ser relacionadas a situações do mundo. Falantes de uma língua são capazes de comunicar eficazmente uns com os outros, porque eles internalizaram as mesmas regras para emparelhar os itens lexicais da linguagem com elementos não linguísticos, e eles usam os mesmos procedimentos para calcular o significado de uma frase sintaticamente complexa para formar os significados de suas partes. Portanto, falantes, em geral, convergem para os mesmos conjuntos de uma língua possível - conexões do mundo que eles atribuem às sentenças em seus discursos. Semanticistas formais procuram entender este aspecto do significado linguístico através da construção de modelos matemáticos precisos dos princípios que os falantes usam para definir as relações entre expressões em uma linguagem natural e do mundo que suporta um discurso significativo. (LAPPIN, 2000, p. 369)

Podemos depreender, em linhas gerais, que *semântica* trata dos sentidos expressos pelas palavras, pelos enunciados, pelas sentenças em conexão com o mundo.

2.2 As partes orationis de Donato, segundo os critérios de análise linguística

Para Dezotti (2011, p.94), a expressão da “correspondência natural” entre os componentes da linguagem é apresentada na estrutura do manual de Donato e especificada em seu conteúdo. Segundo o autor, entre os aspectos utilizados por Donato, o critério semântico é soberano, e argumenta que sua primazia sob a forma é uma herança da dialética, presente também na oratória e na poética (Ibid.).

Para traçar sua argumentação em relação à estrutura do texto de Donato, Dezotti (2011, p.14) se baseia em Lenoble *et al.* (2001):

Nesse sentido, a abordagem canônica dos manuais de gramática consiste basicamente em definir (em termos semânticos, vagamente funcionais), especificar (por uma série de características formais, normalmente morfológicas, às vezes posicionais) e ilustrar (normalmente com exemplos igualmente canônicos). (LENOBLE, 2001, p. 281-2).

Dezotti (2011) analisa, caso a caso, as partes da oração apresentadas por Donato, em relação aos critérios *semânticos*,

morfológicos, funcionais, e em comparação à *Tékhnē* atribuída a Dionísio de Trácia e à *Ars* atribuída a Carísio.

Para ilustrar a soberania do critério semântico em relação aos demais critérios, Dezotti (2011) apresenta como as partes da oração *nome* e *verbo* são consideradas por Donato. Em relação ao *nome*, por exemplo, Dezotti (2011) observa que Donato o define pelo critério semântico - “nome [...] significa um corpo ou uma ideia de modo próprio ou comum” (Don. in Holtz 614.2).

De fato, algumas definições em Donato pautam-se pelo critério semântico. Entretanto, queremos demonstrar que esse não é o único critério utilizado pelo autor. Na *Ars maior*, nas especificações das partes da oração, por meio da enumeração de acidentes e de sua caracterização - que seguem após a definição do termo, é comum encontrar o que chamamos hoje de critérios morfológico, fonológico e sintático, nos termos que especificamos no último subitem.

Para apresentar a definição de *nome*, já mencionada anteriormente, Donato se baseia, além da significação do nome, também em sua estrutura - parte da oração “com caso” - que sinaliza uma observação da estrutura desta parte da oração. Conforme vimos acima, trata-se de um critério morfológico e sintático, nas definições de Dubois *et al.*(1973), Spencer e Zwicky (1998) e Aranoff e Fudeman (2010). A flexão de caso é especificada por Donato, por traços morfológicos e, inclusive, fonológicos, devido ao objetivo prático a que o tratado do gramático romano se propunha: o traço formal da desinência de caso é materializada na seguinte passagem:

Quaecumque nomina ablativo casu singulari u littera fuerint terminata, genitivum pluralem in uum syllabam mittunt, geminata u littera, dativum et ablativum in bus, ut ab hoc fructu horum fructuum, kis et ab his fructibus. Nam nihil necesse est, retinere u litteram et fluctubus dicere, cum artubus necessitate dicamus, ne quis nos artes, non artus significare velle existimet.

Todo nome que terminar em -u no ablativo singular faz o genitivo plural em -uum (com a letra u duplicada) e tanto o dativo quanto o ablativo em -bus, como *ab hoc fructu, horum fructuum, kis* e *ab his fructibus*. De fato, não há necessidade de se manter a letra u e dizer *fluctubus*, embora digamos *artubus* por necessidade, para que ninguém pense que o significado é artes em vez de artus.

(Don. in Holtz 628.2).

O autor discorre sobre as especificidades da flexão e sobre a importância de determinada pronúncia para se evitarem equívocos. A fonologia se ocupa disso: dos sons e “sua função no sistema de comunicação” (DUBOIS *et al.*, 1973) de como eles podem se combinar e distinguir a mensagem (COHN, 2000).

Para a definição de *pronome*, Donato apresenta um cenário composto por vários critérios:

Pronomen est pars orationis quae ori nomine posita, tantundem, pene significat, personamque, interdum recipit. Pronomini accidunt sex; qualitas, genus, numerus, figura, casus, persona.

Pronome é a parte da oração que, empregada no lugar do nome, significa quase o mesmo e às vezes traz a pessoa. O pronome tem seis acidentes: qualidade, gênero, número, figura, pessoa e caso

(Don. in Holtz 629.11).

Como se vê na passagem, o gramático define “regras e padrões” para o uso do pronome – critério considerado em Baker (2000) como *sintático*: desempenhar a função do nome –; em seguida, expõe a significação do pronome, cuja representação gramatical espelha o critério *semântico*, conforme definições de Bréal (1991), e Lappin (2000), apresentadas acima: “significa quase o mesmo” que o nome que substitui, e, por fim, especifica o acidente que o caracteriza em relação à sua estrutura, tendo como objeto de comparação as demais partes da oração: “às vezes traz a pessoa” (Don. in Holtz 630.11), que configura o critério morfológico.

Podemos observar, portanto, que não se trata de uma definição puramente – nem predominantemente – semântica. Diferente disso, Donato apresenta a classe de palavra nome e aborda-a por diferentes critérios gramaticais, compondo um quadro mais completo possível para o estudante de gramática de sua época, abarcando o uso, a significação e a estrutura, isto é, respectivamente, sintaxe, semântica e morfologia, nos termos atuais.

Ainda no que diz respeito à classe de palavra *pronome*, o gramático romano difere, pelo uso, pela combinação e pela estrutura, *pronomes* de *artigos*⁸, o que significa, portanto, que entre um e outro tipo, existem diferenças que hoje consideraríamos *sintáticas*:

⁸ Embora nessa passagem Donato considere uma classe dos pronomes como “artigos” por serem determinantes de outros substantivos, é preciso frisar que o reconhecimento de que a língua latina não possuía artigos (como no grego) é fato há muito consolidado entre os gramáticos latinos. Quint. *Inst.* 1.4.19: *noster sermo articulos non desiderat ideoque in alias partes spargunt...* (“nossa língua não requer artigos, e, por isso, suas funções se dividem em outras partes”); Carísio, *Char.* in *G.L.* 1.247: *articulo, id est τῶ, ἄρθροι eficiente supplement, sed quia uidebant aduerbium esse non posse, segregauerunt...* (“[os gregos] completaram com os artigos, i.e. τῶ, ἄρθροι ausente [entre os romanos], mas porque viram que não podia ser um advérbio, o separaram...”); o próprio Donato, *Don.* in *G.L.* 4.385, *Latini articulum non adnumerant, Graeci interiectionem...* (“os latinos não contam [entre as partes] o artigo, os gregos, a interjeição...”).

Inter pronomina et articulos hoc interest quod pronomina ea puntatur, quae, cum sola sint, vicem nominis implent, ut quis, iste, ille; articuli vero, quod pronominibus, aut nominibus, aut participiis adiunguntur: hic, huius, huic, hunc, o, ab hoc; et pluraliter: hi, horum, his, hos, o, ab his. Haec eadem pronomina et pro articulis et pro demonstratione ponuntur. Neuter, uter, unus, omnis, alter, alius, ullus, ambo, uterque, sunt qui nomina, sunt qui pronomina existimant, ideo quod articulis in declinatione non indigent.

Entre pronomes e artigos há esta diferença: consideram-se pronomes aqueles que sozinhos, preenchem o lugar do nome, como quis, iste, ille; já os artigos se juntam a nomes ou participios, como hic huius huic hunc o ab hoc, e no plural hi horum his hos o ab his. Este mesmo pronome é empregado tanto na função de artigo quanto de demonstrativo. Quanto a neuter, uter, unus, omnis, alter, alius, ullus, ambo, uterque, há quem os considere nomes e quem os considere pronomes, por não precisarem de artigos na declinação.

(Don. in Holtz 631.11).

Ao abordar *verbo*, Donato perfaz sua definição pelo critério *semântico*, conforme observa Dezotti (2011). Entretanto, antes mesmo de traçar sua significação, Donato apresenta sua formação por acidentes: “verbo é a parte da oração com tempo e pessoa sem caso, que significa fazer algo ou ser afetado, ou nenhum dos dois” (Don. in Holtz 633.12.) em que, além do critério semântico, está presente também o critério *morfológico*.

Donato não se atém a esses critérios na apresentação dessa parte da oração. Na especificação do verbo, o gramático romano, ao caracterizar a terceira conjugação, esclarece sobre sua estrutura atrelada à sua função – reconhecida, hoje, como critério morfossintático, e especifica, em relação aos tempos verbais, o uso de vogais longas ou breves, que caracteriza o critério fonológico:

Tertia est, quae indicativo modo, tempore praesenti, numero singulare, segunda persona, verbo activo et neutrali, i interdum correptum interdum productum habet ante novissimam syllabam, ut lego legis, legor legeris; audio audis; audior audiris; et futurum tempus eiusdem modi in am et in ar syllabam mittit, ut lego legam, legor legar, audio audiam, audior audiar.

A terceira é aquela que, na segunda pessoa do singular do presente do indicativo de um verbo ativo ou neutro, tem um i (às vezes breve, às vezes longo) antes da última letra, ou, no caso de um verbo passivo, comum ou depoente, um e breve (no lugar do i) ou um i longo antes da última sílaba,

como lego legis, legor legeris, áudio audis, audior audiris; além disso, faz o futuro do indicativo em -am e -ar, como lego legam, legor legar, áudio audiam, audior audiar.

(Don. in Holtz 635.12).

Advérbio é definido particularmente por sua *sintaxe*. Donato o situa em relação às demais partes da oração, isto é, apresenta as regras de combinação, de modo que só o define por sua função: “junto do verbo, esclarece e completa a significação dele” (Don. in Holtz 640.13). Em seguida, para especificá-lo, Donato apresenta sua formação e estrutura, o que evidencia o critério morfológico:

Adverbia aut a se nascuntur, ut heri, hodie, nuper; aut ab aliis partibus orationis. Veniunt a nomine appellativo, ut doctus, docte; a proprio, ut Tullius, Tulliane; a vocábulo, ut ostium, ostiatim; a pronomine, ut meam, tuam; a verbo, ut cursim, strictim; a nomine et verbo, ut predetemptim; a participio, at indulgens, indulgenter.

Os advérbios ou nascem de si mesmos, como ‘ontem’, ‘hoje’, ‘recentemente’, ou vêm de outras partes da oração: de um nome apelativo, como ‘douto’: ‘doutamente’; de um nome próprio, como ‘Túlio’: ‘tulianamente’; de um vocábulo, como ‘porta’: ‘de porta em porta’; de um pronome, como ‘a meu modo’, ‘a teu modo’; de um verbo, como ‘rapidamente’, ‘estritamente’; de um nome e um verbo, como ‘passo a passo’; de um participio, como ‘indulgente’, ‘indulgentemente’.

(Don. in Holtz 640.13).

Ainda sobre a caracterização do advérbio, o autor singulariza aspectos fonológicos:

Adverbia, quae in e exeunt, produci debent praeter illa, quae non comparantur, ut rite; aut comparationis regulam non servant, ut bene, male; faciunt enim bene, melius, optime; male, peius, pessime; aut sea, quae a nomine verbove non veniunt, ut inpune, saepe.

Advérbios que terminam em -e devem ter esta sílaba longa, exceto aqueles que não admitem comparação, como ‘religiosamente’; ou aqueles que não seguem a regra da comparação, como ‘bem’, ‘mal’ – pois fazem ‘bem, melhor, otimamente’, ‘mal, pior, pessimamente’ -; ou aqueles que não vêm de nome ou de verbo, como ‘impunemente, frequentemente’.

(Don. in Holtz 641.13).

Com esse panorama, Donato traz para o estudante um quadro, ilustrado, de definição e especificação, embasado em critérios que hoje podemos classificar como sintáticos, morfológicos e fonológicos para o advérbio.

Em relação ao *particípio*, Donato inicia uma explicação, em linhas gerais, a respeito da sua constituição: “particípio é parte da oração assim chamada porque toma parte do nome e parte do verbo” (Don. in Holtz 644.14). E continua com uma explicação mais aprofundada da sua composição: “do nome traz os gêneros e os casos; do verbo, os tempos e as significações; de ambos, o número e a figura” (Don. in Holtz 644.14). Aqui o critério morfológico é soberano. Nos acidentes do particípio, Donato mescla à estrutura a sua funcionalidade, avançando, portanto, no domínio morfossintático:

Sunt etiam alia participia quae accepta praepositione et a verbis et a participiis recedunt, ut nocens, innocens; nam noceo dicitur, innoceo non dicitur.

Há também alguns participios que, após receber uma preposição, afastam-se tanto dos verbos quanto dos participios, como ‘que ofende’: ‘inofensivo’, pois ‘ofendo’ se diz, ‘inofendo’ não.

(Don. in Holtz 646.14).

Conforme vimos anteriormente, Baker (2000) delimita sintaxe como “regras e padrões dinâmicos usados para criar e entender sentenças”, o que se aplica à definição de *conjunção* cunhada por Donato: “conjunção é a parte da oração que conecta e ordena a sentença” (Don. in Holtz 647.15). É importante ressaltar que, nesta definição, o aspecto semântico não é considerado.

Outra parte da oração que se enquadra em uma definição puramente sintática é a *preposição*. Segundo Donato “preposição é a parte da oração que, preposta às outras partes da oração, complementa, altera ou diminui a significação delas” (Don. in Holtz 648.14.). A função da preposição está atrelada à sua posição na sentença.

Já em sua caracterização, na apresentação dos acidentes e suas especificidades, alguns aspectos fonológicos são também destacados:

Ex his ad et apud cum unius casus sint, diverso modo ponuntur. Dicimus enim: ad amicum vado, apud amicum sum. Nam neque

apud amicum vado recte dicitur, neque ad amicum sum. Usque praepositio plurimis non videtur, quia sine aliqua praepositione proferri recte non potest; unde adiungitur utrique casui pro qualitate praepositionis eius, cui fuerit copulata, ut usque ad et usque ab.

Dentre elas [as preposições], ‘ad’ e ‘apud’, ainda que sejam de um único caso, são empregadas de modo diverso, pois dizemos ‘vou à [ad] casa do amigo’, ‘estou na [apud] casa do amigo’; de fato, não é correto dizer ‘vou na [apud] casa do amigo’, ‘estou à [ad] casa do amigo’. Para muitos, ‘usque’ não parece uma preposição, porque não pode ser pronunciada corretamente sem outra preposição.

(Don. in Holtz 650.16).

É relevante observar que, ao considerar em termos fonológicos a preposição “*usque*”, o autor o faz com explicações acerca da sua realização morfológica.

Por fim, a *interjeição*, diferente das outras classes, não pode ser univocamente definida a partir de critérios formais. Ela traz à tona do texto elementos extratextuais, de ordem da experiência pessoal do falante, por esse motivo, conforme examinamos em outro trabalho (FORTES, 2010), a interjeição donatiana traria à tona questões que, hoje, classificaríamos como “discursivas”:

Interiectio est pars orationis interiecta aliis partibus orationis ad exprimendos animi adfectus; aut metuentis, ut ei, eu; aut optantes, ut o; aut dolentes, ut heia, et heu; aut admirantis, ut papae; aut laetantis, ut euax.

Interjeição é a parte da oração inserida entre as outras partes da oração para exprimir os afetos de ânimo: seja do que sente medo, como ei, eu; seja do que sente desejo, como o; seja do que sente dor, como heu; seja do que sente alegria, como euax”.

(Don. in Holtz 652.17).

A *Ars* de Donato não traz exemplificações a não ser de termos que ilustram cada parte da oração, conforme demonstram os excertos. Embora possamos assumir, até certo ponto, que “significação seja o critério soberano da correção da linguagem para os antigos”, conforme afirma Charpin (1986, p.136 *apud* DEZOTTI, 2011, p.94), não podemos concordar que, no tratamento gramatical, o critério semântico seja o predominantemente empregado. Em vez disso,

observamos que a doutrina gramatical das partes da oração não despreza os demais critérios linguísticos ao avaliar as formas e seu emprego. Embora, segundo Dezotti (2011, p.95), Donato tenha atribuído ao critério semântico a função de definir nome e verbo, vale ressaltar que suas especificidades, as quais os delimitam unicamente, são conhecidas por meio de aspectos morfossintáticos e fonológicos, conforme nomenclatura moderna, do mesmo modo como definem, caracterizam e especificam as demais partes da oração.

Considerações finais

Ao analisarmos o tratamento dado por Donato em sua *Ars maior* às partes da oração, observamos que Donato mobiliza, diferentemente, critérios hoje considerados de ordem fonética, morfológica, sintática e semântica na definição das *partes orationis*. Em alguns casos, algumas definições atravessam o campo da fonologia e da morfologia e da morfologia e sintaxe. Assim, o gramático latino define, descreve e especifica as categorias gramaticais, revelando a significação, a formação pelas flexões próprias de cada acidente, as características sonoras específicas em determinados ambientes e a função em relação às outras partes da oração. Trata-se, portanto, apesar de ser um tratado breve e francamente escolar, de uma reflexão bastante abrangente do mecanismo de funcionamento das *partes orationis*.

É importante esclarecer que, em relação aos acidentes, o gramático latino se preocupa em apresentar para o estudante de latim da Antiguidade Tardia a pronúncia de algumas palavras, o que caracteriza o cunho fonológico. A composição das partes – critério morfológico – e ainda sua funcionalidade – critério sintático – também eram consideradas quando estas já não haviam sido destacadas na definição da parte da oração em análise. Com essa preocupação pedagógica, Donato fornecia subsídios para que os estudantes pudessem ler e compreender os clássicos de séculos anteriores. Dessa forma, o manual cumpria sua função com o público alvo, revelando, ao mesmo tempo, uma análise que, embora não se pretendesse exclusivamente voltada para o mecanismo da língua, pôde vislumbrar aspectos que seriam herdados pelas modernas ciências da linguagem.

REFERÊNCIAS

ARANOFF, M. e FUDEMAN, K. *What is Morphology?* Malden, USA: Blackwell Publishing, 2010.

BAKER, M.C. Syntax. M. ARANOFF e J. MILLER-REES. (eds.) *The handbook of linguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2000, p. 264-294.

BARATIN, M. Sur la structure des grammaires antiques. J. DE CLERQ e P. DESMET (ed.). *Florilegium historiographiae linguisticae – Études d’historiographie de la linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy*. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1994.

BECHARA E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRÉAL, M. *The beginnings of semantics*. Standford, California: Standford University Press, 1991.

CAMARA, J. M. *História da Linguística*. Tradução de Maria do Amparo B. Azevedo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CAMERON, Averil. *The later Roman Empire*. Cambridge: Massachussets, Harvard University Press, 1993.

CANTÓ, J. Los grammatici: críticos literarios, eruditos y comentaristas. C. CODOÑER. *Historia de la Literatura Latina*. Catedra: 1977 p.741-753.

COHN, A. Phonology. M. ARANOFF e J. MILLER-REES (eds.). *The handbook of linguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2000, p.180-212.

Corpus grammaticorum Latinorum veterum. Collegit, auxit, recensuit ac potioem lectionis varietatem adiecit Fridericus Lindemannus (1831). Disponível em: <http://kaali.linguist.jussieu.fr/CGL/text.jsp> Acesso em: 16 dez. 2013.

CUNHA C. e CINTRA L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DESBORDES, F. *Idées grecques et romaines sur le langage – travaux d’histoire et d’épistémologie*. Lion: ENS editions, 2007.

DEZOTTI, L. C. *Donato, Arte menor*. In: Letras Clássicas. São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

_____. *Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. 186p. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-22092011-161749/publico/2011_LucasConsolinDezotti.pdf> Acesso em: 15 jan. 2014

DIONÍSIO TRÁCIO. *Dionysii Thracis ars grammatica*. Edição de G. Uhlig: Richard SCHNEIDER e Gustaf UHLIG (ed.). (1965), *Grammatici Graeci*, I. Leipzig: Teubner, 1878-1910 [republicado: Hildesheim, Olms].

DONATO. *Donati ars maior*: KEIL, H. (ed.), (1981), *Grammatici Latini*, IV, 367-402. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim, Olms].

DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

GUERREIRA, A. R. Los escritos gramaticales (y la erudición) em el siglo IV^o: C. CODOÑER. *Historia de la Literatura Latina*. Catedra, 1997, p. 783-794.

HOLTZ, L. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical. Étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IV^e-IX^e siècle) et édition critique*. Paris: CNRS, 1981.

ILARI R. e GERALDI J.W. *Semântica*. 7^aed. São Paulo: Ática, 1995.

KEMPSON, R. Pragmatics: Language and Communication. M. ARANOFF e J. MILLER-REES (eds.). *The handbook of linguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2000, p.394-427.

LAPPIN, S. An Introduction to Formal Semantics. M. ARANOFF e J. MILLER-REES (eds.). *The handbook of linguistics*. Malden, USA: Blackwell Publishing, 2000, p.369-393.

LAW, V. Late Latin grammars in the Early Middle Ages: a typological history. *Historiographia linguistica* XIII: 2/3. Amsterdam: John Benjamins, 1986, p. 365-380.

MOUNIN, G. *História da Linguística: das origens ao século XX*. Tradução de F. J. Hoppffer Rêgo. Porto: Despertar, 1970.

ROBINS, R. Les grammairiens byzantins. S. AUROUX (org.). *Histoire des idées linguistiques*. Tomo 2, Mardaga, 1992.

_____. *The Byzantine Grammarians – their place in History*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1993.

SPENCER, A. e ZWICKY, A. M. *The handbook of Morphology*. Malden, USA: Blackwell Publishers, 1998.

SWAIN, S. e EDWARDS, M. *Approaching Late Antiquity. The transformations from early to late empire*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

Abstract

Ars maior, Donatus: linguistic analysis criteria

This article aims at analyzing the grammatical approach given to the parts of speech (partes orationis), by Donatus in his Ars maior (c. IV AD). We intend to evaluate which criteria are used to define, specify and illustrate the parts of speech. We claim that the grammarian uses the “semantic” criterion to define some parts of speech, and also makes use of the “morphological” – to distinguish and characterize the accidentia – , the “syntactical” – to give the functions of some parts of speech in relation to their accidentia and to other parts – and the “phonetic” – to describe examples and their pronunciation patterns.

Keywords: *linguistic criteria; parts of speech; ancient grammar*